

>
Eric da Costa.

Eric da Costa

Nasceu em Paris, em 1971. Frequentou o curso de Realização Plástica do Espectáculo da Escola Superior de Teatro e Cinema. Trabalha como cenógrafo, aderecista, actor, autor e encenador. Não subscrevendo a função de "cenógrafo" para a actividade por que é mais reconhecido – que lhe valeu, entre outras distinções, o prémio Acarte em 2002 – Eric da Costa prefere a designação de "técnico", por atribuir ao acto criativo uma continuidade intrínseca na execução. Membro fundador do colectivo artístico Olho, entretanto extinto, Eric da Costa iniciou a sua actividade cenográfica profissional no seio deste grupo, no espectáculo *El: Levando-os aos ombros em passo de marcha sincopada ao quarto tempo* (1991).



Disrupção a três dimensões

Vanda Piteira

O cénico é o inevitável e o processo a disrupção.

Abdica da "cenografia" enquanto categorização para a função que desempenha nos espectáculos onde é chamado a participar e recusa a consequente nomeação de cenógrafo. O cénico é o inevitável no processo; então, porquê nomeá-lo?

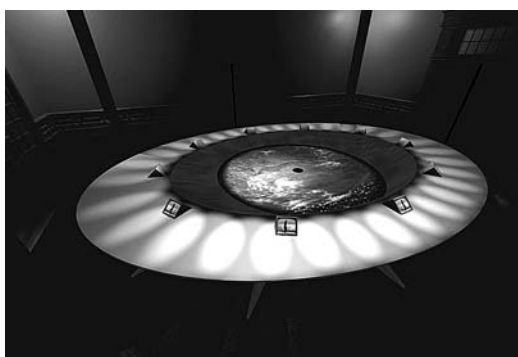
Foi um dos fundadores do Olho, uma associação cultural dirigida por um colectivo formado por nomes como João Garcia Miguel, João Galante, David Palma, Ana Borralho, Mónica Samões e Rita Só. Foi com o Olho, em 1991, que realizou o primeiro trabalho cenográfico: *El: Levando-os aos ombros em passo de marcha sincopada ao quarto tempo*. Trabalho "selvagem", *El* foi o resultado das empatias e identificações estéticas que moviam a actividade artística do então recém-formado colectivo. A formação académica chega depois deste primeiro trabalho, com o ingresso no curso de Realização Plástica da Escola Superior de Teatro e Cinema. O início da sua actividade profissional ficou marcado com a atribuição do Prémio de Melhor Cenografia, no concurso Teatro na Década do Clube Português de Artes e ideias, a *Humanauta* (1993), projecto onde participava igualmente como aderecista e no qual surgia no numeroso elenco e, pouco mais tarde, a *Guerreiro* (1995). Sob o lema "uma pancada nos olhos faz ver", *Humanauta* expunha os ideais estéticos que moviam o Olho e viria a transformar-se numa espécie de manifesto artístico. O espectáculo constituiu-se como uma obra de ficção cuja ideia central era a sobrevivência do Homem depois da morte do Sol. As teorias físicas e quânticas contemporâneas foram estudadas ao limite,

para que o resultado deste projecto pudesse demonstrar as possibilidades da vivência humana, mediante o prolongamento das faculdades do corpo e do espírito, transformando-as, reciclando-as e tornando as funções ambíguas mais aptas à sobrevivência das transgressões do tempo. *Humanauta* marca o princípio da procura de um sentido teatral onde o experimentalismo, a interdisciplinaridade e a utilização da tecnologia estão presentes na construção dos discursos narrativos.

O percurso artístico do luso-francês Eric da Costa consolidou-se, na década de 90, com a criação dos espaços cénicos, principalmente, para os espectáculos do Olho, como *Disrupção* (1996), *Muda* (1997), *Estrada* (1998), *Zona* (1999), *Anoz* (2000), *DQ: Éramos nobres cavaleiros a atravessar mundos apanhados num sonho* (2001), *Seria preciso uma grande chuvada para apagar as pegadas* (2002)¹ e *O dia do desassossego* (2002). Mais recentemente, tem assinado o espaço cénico de espectáculos de outros criadores e companhias: O Bando, em *Visões* (1997); o Teatro Meridional, em *Magalhães* (1997); a Casa Conveniente, em *Um dia virá* (2003) e as jovens actrices / encenadoras Patrícia Portela, em *Wasteband*² (2003) e Susana Vidal, em *Mortos de amor* (2003) e *Amor cru-el* (2004). Foi também responsável pela concepção cenográfica para as coreografias *Polaroid* (2003), de Clara Andermatt, e de *Cidade nua* (2004), de Ana Rita Barata. O seu percurso passa ainda pelo mundo do audiovisual com o trabalho de instalação realizado para Edgar Pêra e Alexandre Coelho no projecto *Nostra fides* (2004), e com a cenografia do

¹ A cenografia de Eric da Costa deste espectáculo de João Galante foi Prémio Acarte / Maria Madalena de Azeredo Perdígão (2002).

² O espectáculo de Patrícia Portela foi Menção Especial Acarte / Maria Madalena de Azeredo Perdígão (2003).



vídeo *ContraBaixo* (1995), de Pedro Sena Nunes. Em 1998 é responsável pela coordenação técnica de *Peregrinação*, um dos eventos regulares da Expo'98 e, especificamente, concebe uma das máquinas de peregrinar, *Inácio*. No ano de 2004, Eric da Costa foi ainda responsável pelos cenários de *Portugal: Uma comédia musical* e *Jantar de idiotas*, ambas produções com encenação de António Feio. Para Eric da Costa, o acto criativo deve expandir-se pelos vários campos performativos, o que explica o seu descomplexado envolvimento nas práticas teatrais ora relacionadas com o intitulado "teatro experimentalista", ora com o vulgarmente chamado "teatro comercial". "O processo é idêntico em ambos os casos", afirma.

No termo científico "disrupção" encontrou o princípio sob o qual o processo de criação artística se move. Disrupção é o fenómeno eléctrico que se dá com a passagem de energia entre dois corpos, visível com pequenas faíscas. Tecnicamente, significa que o valor do campo eléctrico que se cria entre esses dois corpos ultrapassa a resistividade do meio. Adepto da ciência e da tecnologia como auxiliares da credibilidade que é exigida à acção teatral, Eric da Costa vê a capacidade de ultrapassagem da resistividade do meio como base teórica para o seu trabalho. Da mesma forma que recusa a nomeação de "cenógrafo", recusa a de "criador", considerando-se acima de tudo um técnico pois, nos seus trabalhos, criação e execução são inseparáveis.

A obra deste "técnico do espaço" caracteriza-se por uma escrita especializada, na qual os vários objectos cenográficos, como a máquina, o engenho, o vídeo, o figurino e o adereço contribuem para a reestruturação da ideia de cenário, superando a visão congelada de uma superfície a ser revestida³. Na verdade, estes objectos constituem, alternadamente, o espaço cenográfico, produto do equilíbrio entre a empatia e a habitabilidade do espaço. Os seus cenários – e este termo já nos parece desadequado – ultrapassam a simples funcionalidade ilustrativa e são mais do que uma mera arquitectura de representação, na medida em que constituem, muitas vezes, toda a base dramaturgica da acção. Tomemos como exemplo *Zona*, um trabalho que partiu da obra dos russos Arkadi e Boris Strugatski *Stalker* e da sua adaptação cinematográfica por Andrei Tarkovski. *Zona* foi criada sob a ideia central do futuro, enquanto território no qual nos movemos mas que desconhecemos. O espaço cénico é composto por um dispositivo tecnológico de forma circular que faz movimentar os corpos que o habitam. Trata-se de um mundo multifacetado e em constante mutação. O dispositivo foi desenhado a três dimensões de modo a simular formas mais aproximadas do real e programado por um sistema informático especificamente criado para o mesmo. Toda a movimentação cénica é feita mediante as rotações do dispositivo e tanto os pressupostos narrativos como os indicadores temporais e espaciais são transmitidos através dele: colocado no centro do lugar da acção, multiplica os pontos de vista do espectador relativizando a percepção unitária e fixa da acção.

Os cenários tridimensionais de Eric, construídos sob uma paleta de cores, mostram-nos realidades imagéticas, na sua maioria não fotografáveis. A fixação e registo da imagem cenográfica está longe de ser conseguida, quando tratamos da sua obra, pois ela é substancialmente imaterial e instrumental. Tendo como base as ciências naturais, como a biologia e a tecnologia robótica, Eric da Costa constrói objectos cénicos que auto-justificam as acções performativas (recordemos os objectos que se moviam sozinhos em *Polaroid*). Ambientes 2001 *Odisseia no espaço* são transportados para a cena teatral contemporânea que investe, cada vez mais, na interdisciplinaridade das matérias e na imaterialidade das formas.

<

Muda,

direcção artística de João

Garcia Miguel, 1997,

objecto de cena (*robot*).

<

Wasteland,

autoria e enc.

Patrícia Portela,

2003, projecto 3D.

<

*Seria preciso uma grande**chuvada para apagar as**pegadas*, direcção

artística de João Galante,

2002, projecto 3D.

³ Cf. Patrice Pavis,*Dicionário de teatro*,

São Paulo, Editora

Perspectiva, 2003, p. 46.